



“El clamor solidario del mundo entero se levanta”: os movimentos de apoio ao povo chileno e a construção de uma “rede musical de solidariedade” nos anos 1970

CAIO DE SOUZA GOMES ¹

Durante a década de 1960, várias partes da América Latina assistiram ao surgimento de movimentos de canção popular que pretendiam renovar a produção musical nacional a partir da modernização de elementos das tradições folclóricas locais. Esses movimentos, no entanto, passaram a trilhar uma trajetória particular a partir do momento em que buscaram incorporar o engajamento político como elemento central para a construção de um novo universo musical. A tentativa de cruzar inovação estética com engajamento político pode ser apontada como característica fundamental dessa série de movimentos musicais que foram genericamente englobados sob o rótulo de *nueva canción latino-americana*, e que ganharam força no continente ao longo dos anos 1960 e 1970.

Uma característica crucial desses projetos de criação de uma *nueva canción* foi a valorização da identidade latino-americana. Todos esses movimentos pretenderam, de algum modo, transcender as fronteiras nacionais, buscando promover o diálogo com movimentos similares que se desenvolviam nos países vizinhos. Os principais artistas ligados à canção engajada latino-americana conceberam projetos de integração da América Latina a partir da canção, projetos esses que se cristalizaram a partir das próprias canções, tanto no campo estritamente musical, a partir do cruzamento de referências sonoras de distintas partes do continente, no sentido da construção de um repertório comum capaz de expressar uma “sonoridade latino-americana”, quanto nas letras, que trataram de, a partir de caminhos variados, propor a unidade continental e reafirmar a identidade latino-americana. Esses projetos de integração conheceram diversas tentativas de materialização, a partir da intensa circulação dos artistas e de suas obras e do estabelecimento de uma série de “conexões

¹ Doutorando no programa de pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Este texto apresenta alguns resultados iniciais do projeto de doutorado em desenvolvimento sob orientação da Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato. E-mail: caio.gomes@usp.br.

transnacionais” que resultaram na constituição de uma complexa rede de diálogos e intercâmbios ².

Os golpes civil-militares que tomaram a América Latina, principalmente a partir da década de 1970, inevitavelmente impactaram estes projetos. No entanto, embora tenham sido rupturas cruciais na crescente mobilização dos músicos, intérpretes e compositores comprometidos latino-americanos, os golpes civil-militares não representaram o fim dos projetos de integração da América Latina por meio da canção. Os novos contextos autoritários provocaram inevitavelmente a reformulação desses projetos, que passaram a assumir como elemento central a discussão sobre a resistência, mas também resultaram em um adensamento e complexificação das redes transnacionais ativas desde o início da década de 1960, que punham em diálogo os artistas das várias partes do continente. Isso porque se os golpes significaram, para uma parte dos artistas que permaneceram em seus países, a necessidade de se adequar a um novo contexto dominado pela repressão e a censura, para tantos outros eles significaram o exílio. Esse processo de exílio dos artistas impulsionou a inserção de novos polos aglutinadores nos circuitos que articulavam a produção e circulação da canção engajada na América Latina.

Uma faceta importante dessa produção musical dos exílios latino-americanos decorrentes dos golpes civil-militares foi resultado do estabelecimento de redes de solidariedade às “vítimas” das ditaduras que se instalaram em vários países, principalmente naqueles que abrigaram quantidades significativas de exilados latino-americanos. Embora os grupos de exilados do Brasil, da Argentina e do Uruguai tenham provocado a constituição de redes de apoio, sem dúvida o movimento internacional de solidariedade que ganhou maior expressão ao longo da década de 1970, até por conta do impacto internacional do fim abrupto da experiência de governo da Unidade Popular, foi o de apoio ao povo chileno.

Aqueles que sofreram os impactos imediatos do golpe e buscaram como saída o exílio encontraram caminhos variados para deixar o Chile. Claudia Rojas Mora e Alessandro

² Esse tema da elaboração de projetos de integração continental por meio da canção e da constituição de “conexões transnacionais” entre os músicos engajados latino-americanos nas décadas de 1960 e início da década de 1970 foi trabalhado na minha dissertação de mestrado. GOMES, Caio de Souza. *“Quando um muro separa, uma ponte une”: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/70)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28062013-130124/>>. Acesso em: 2015-06-15.

Santoni, ao traçarem uma “geografia política do exílio chileno”, apontam a existência de ao menos três grandes segmentos de países de acolhida dos exilados chilenos: a América Latina, como é o caso de Cuba, México, Venezuela e Argentina (ao menos até o golpe de 1976); a Europa Ocidental, com grupos importantes de exilados em países como França, Itália, Grã-Bretanha; os países comunistas, como a União Soviética e a Alemanha Oriental; além de outras realidades particulares como os Estados Unidos, Canadá e Austrália (ROJAS MIRA; SANTONI, 2013). Essa fragmentação do exílio chileno significou também a constituição de uma série de entidades em vários lugares do mundo que buscaram desempenhar atividades de apoio e solidariedade aos refugiados chilenos:

Una gran cantidad de entidades se prestaron solidariamente a colaborar con la causa chilena, y no solo en Europa, sino que también en América y los otros continentes. Es de recalcar la creación de la Casa de Chile en México, el Comité Antifascista de Solidaridad con Chile de la Habana, “Chile Democrático” en Roma, Comité de Solidaridad de Caracas, Comité Sindical Chile de Bruselas; instituciones que desempeñaron importantes tareas de difusión política y cultural, amén de prestar ayuda a los refugiados. (MAMANI, 2013: 20).

Essas redes ganharam contornos particulares no caso de movimentos sediados em polos de exilados em países da América Latina. Isso porque nestes casos os movimentos de solidariedade ganharam inevitavelmente contornos latino-americanistas e anti-imperialistas, pois a luta contra o autoritarismo e a repressão aparecia como realidade compartilhada, se incorporando aos discursos pela unidade continental que já caracterizavam as relações no continente:

En este contexto regional, la solidaridad se relacionaba íntimamente con un significado que le era específico. Estamos hablando de lo que se ha percibido tradicionalmente no sólo como una causa común a los pueblos de América Latina, sino, de hecho, como un rasgo acusado y persistente de la “identidad latinoamericana” durante el siglo XX: la causa del antiimperialismo y de la lucha contra al dominio ejercido por el incómodo y poderoso vecino norteamericano

sobre los asuntos internos de estos países. (ROJAS MIRA; SANTONI, 2013: 128).

Esses movimentos de solidariedade encontraram na canção, entendida como veículo importante para a veiculação de ideias, um modo de manifestar-se. Os diversos comitês de solidariedade, na busca de promover de modo mais intenso suas campanhas, encontraram na música um poderoso aliado. Os discos editados em diferentes países com o intuito de promover o discurso da solidariedade aos países que viviam agora sob ditaduras funcionaram como um importante espaço de construção de diálogos entre os artistas das diferentes partes da América Latina, e também do estabelecimento de pontes com os meios artísticos dos países do exílio.

A produção musical em solidariedade ao povo chileno é bastante emblemática da criação de obras que carregavam as marcas dolorosas dessas experiências e buscavam expressar por meio de canções os sentimentos daqueles que sofriam e também daqueles que buscavam se solidarizar com as “vítimas”. Esses discos constituem uma verdadeira “memória musical” do exílio, e sua análise permite afirmar o efetivo estabelecimento de uma “rede musical de solidariedade”.

No caso do exílio chileno no México, o paradigma anti-imperialista e latino-americano ganhou especial destaque, já que serviu de argumentação fundamental para o apoio do presidente mexicano Luis Echeverría Álvarez e do *Partido Revolucionario Institucional* (PRI) para a causa da solidariedade com o Chile. Foi o próprio Echeverría, ao lado de sua esposa María Esther Zuno, quem promoveu e patrocinou a criação, em 1974, da *Casa de Chile*, instituição referência da causa dos exilados chilenos, que abrigou a *Secretaría de Solidaridad para América Latina*, um dos principais centros de coordenação dos comitês de solidariedade ao Chile do continente.

A *Casa de Chile*, em parceria com o selo mexicano *Discos Pueblo*, editou em 1974 o álbum *México Chile Solidaridad*³, que como expressa o próprio título pretendia ser a representação musical das pontes que se estabeleciam naquele momento entre os dois países, tendo como base o movimento de solidariedade. Essa proposta se torna clara a partir da

³ *Mexico-Chile Solidaridad*. México: *Discos Pueblo*, DP-1007, 1974.

concepção do projeto, que reunia importantes artistas engajados mexicanos – Oscar Chávez, Conjunto Peña Móvil, Margarita y Anthar, Amparo Ochoa, Los Folkloristas, Salvador Ojeda, Guadalupe Trigo, Conjunto Icnocuatl, Julio Solórzano, Conjunto Tupac-Amaru – interpretando canções de nomes da *nueva canción* chilena como Violeta Parra, Isabel Parra, Víctor Jara e Patricio Manns, ou em homenagem ao Chile, como tributos a Salvador Allende (“A Salvador Allende”, “Compañero Salvador”) e Pablo Neruda (“Canto a Neruda”). O disco abre com a reprodução da emblemática gravação do último discurso de Salvador Allende, feito a partir de La Moneda já sob ataque das tropas pinochetistas, e termina com o “Canto Final” da famosa “Cantata Santa María de Iquique”, que a esta altura já era símbolo máximo da *nueva canción* chilena e, portanto, ganhava força simbólica ao ser revivida pelo conjunto mexicano Tupac-Amaru. O texto que aparece na contracapa do disco é bastante representativo do tom que o discurso dos movimentos de solidariedade assumiu naquele momento:

El Comité Nacional de Solidaridad y Apoyo a Chile saluda a los compañeros artistas que a través de las canciones grabadas en este disco, manifiestan su solidaridad con la lucha del pueblo chileno. Ahora más que nunca conviene considerar que del triunfo del pueblo chileno depende en gran parte el futuro de la libertad en América Latina. Por lo tanto es urgente incrementar las presiones internacionales tendientes a aislar a la junta fascista, y redoblar los esfuerzos de apoyo a la resistencia civil en el interior de Chile, lucha en contra del fascismo, y buscar la restauración del orden democrático que permitirá la continuación de la lucha política y la construcción de una sociedad nueva.

A solidariedade ao povo chileno ganhava eminente caráter latino-americanista ao ser entendida como parte fundamental da luta pela liberdade do continente. E esse discurso se alia ao movimento mais amplo da luta antifascista, ao colocar as ditaduras latino-americanas como símbolo do fascismo no continente. O disco surge como elemento importante de propaganda, buscando se aliar a outras iniciativas de pressão internacional no sentido de enfraquecer a experiência pinochetista e dar fôlego aos movimentos de resistência que se organizavam no Chile.

A canção popular assumia, assim, papel de destaque na mobilização. A proposta de recrutar destacados artistas mexicanos como aliados da causa, se por um lado pretendia chamar a atenção da sociedade mexicana e também da comunidade internacional para a questão da ditadura chilena, acabava também por construir pontes que conectavam diretamente os universos musicais de México e Chile, abrindo novas frentes no processo da construção de conexões que punham em diálogo os movimentos de *nueva canción* do continente.

Outro polo importante da solidariedade ao Chile na América Latina foi Cuba. As relações entre o Chile da Unidade Popular e o governo revolucionário cubano sempre foram complexas, pois se por um lado o fato de se tratarem das duas experiências revolucionárias do continente as aproximava, as estratégias totalmente diferenciadas das duas propostas geravam inevitavelmente tensões e atritos. E a experiência dos exilados chilenos em Cuba será marcada por essas ambiguidades.

A gravadora estatal cubana EGREM (*Empresa de Grabaciones y Ediciones Musicales*), criada em 1964 como parte do movimento de centralização das atividades culturais sob o comando do governo revolucionário, editou dois álbuns em apoio ao povo chileno.

O primeiro deles, *Jornada de solidaridad con la lucha del pueblo de Chile*⁴, de 1974, produzido por Frank Fernández, reuniu grandes expoentes da *nueva trova* cubana – Amaury Pérez, Pablo Milanés, Grupo Moncada, Argelia Sánchez, Tema IV, Silvio Rodríguez, Enrique Núñez, Los Cañas, Martín Rojas y Miriam Ramos – cantando canções em solidariedade aos chilenos, como “Andes lo que andes”, composição de Amaury Pérez, “A Salvador Allende en su combate por la vida”, de Pablo Milanés, que se tornou um dos maiores clássicos desse repertório da solidariedade, e “Santiago de Chile” de Silvio Rodríguez, além de versões de clássicos da *nueva canción* chilena como “Guitarra” e “Plegaría a un labrador”, de Víctor Jara. Este álbum, assim, dá continuidade, em novo contexto, às aproximações que vinham se estabelecendo entre a *nueva trova* cubana e a *nueva canción* chilena desde o fim da década de 1960, aprofundando-as ainda mais ao transformar as dificuldades do povo chileno em tema de destaque para a produção dos principais compositores da *nueva trova* cubana.

⁴ *Jornada de solidaridad con la lucha del pueblo de Chile*. EGREM-Areito, LD-3465, 1974.

Se *Jornada de solidaridad con la lucha del pueblo de Chile* é exemplar do estabelecimento de pontes entre chilenos e cubanos, o outro disco editado pela EGREM, *Compañero Presidente*⁵, de 1975, resultado de uma parceria da *Casa de las Américas*, órgão máximo da produção cultural cubana, com o *Comité Chileno de Solidaridad con la Resistencia Antifascista*, amplifica ainda mais essas conexões ao reunir gravações de artistas de vários países latino-americanos: os chilenos Inti-Illimani, Quilapayún e Ángel Parra; os venezuelanos Alí Primera e Soledad Bravo; o uruguaio Daniel Viglietti; o argentino César Isella; os porto-riquenhos Andrés Jiménez y Grupo Taoné; o mexicano Óscar Chávez; os cubanos Pablo Milanés e Grupo de Experimentación Sonora del ICAIC (GESI). O disco é, assim, representação de como os movimentos de solidariedade às vítimas das ditaduras se ampararam no discurso da unidade latino-americana, e deram sequência aos projetos de unidade do continente pela canção que já vinham se desenhando desde a década anterior, o que transparece no texto da contracapa do álbum:

Estas canciones, venidas de muchos países de nuestra América, se arrojan al fuego para que siga creciendo la solidaridad mundial con la gran causa del pueblo chileno, simbolizado en la magnífica figura del presidente Salvador Allende, cuya muerte en combate, el 11 de septiembre de 1973, sería calificada por el compañero Fidel como “el más alto ejemplo de heroísmo que se pueda ofrecer”. Son canciones nacidas del corazón, no para cantar el dolor pequeño de un hombre o de una mujer solitarios, sino el dolor multitudinario de un continente que siente en pleno pecho las heridas que padecen las mujeres y los hombres de Chile. [...] la Casa de las Américas, con la colaboración del Comité Chileno de Solidaridad con la Resistencia Antifascista, ofrece estas canciones que se arrojan al fuego, en esta hora de los hornos, proclamando con certidumbre, con música y con rabia: ¡hasta la victoria siempre compañero Presidente!

Ao abraçar a produção musical engajada do continente e promover o encontro de vários dos grandes nomes da *nueva canción latino-americana*, o álbum pretende fazer da causa chilena um elemento aglutinador, que amplifique as aproximações e diálogos entre os diversos movimentos engajados da América Latina.

⁵ *Compañero Presidente*. Cuba: Casa de las Américas/EGREM, 1975.

Através da produção dessas obras coletivas, os músicos latino-americanos encontraram um caminho para se inserir nos movimentos de solidariedade, fazendo da sua arte um meio de propagar as ideias desses grupos e de estimular a adesão às causas defendidas. No contexto do exílio, portanto, a canção seguiu sendo ponto importante da militância política, e as conexões transnacionais, que já tinham sido cruciais na conformação de movimentos de *nueva canción* no continente ao longo da década de 1960, se amplificam ainda mais com o surgimento de uma nova fase marcada pelo estabelecimento de uma “rede musical de solidariedade”.

Palavras Finais

Os golpes civil-militares na América Latina, ocorridos ao longo das décadas de 1960 e 1970, impactaram profundamente a canção engajada que vinha se fortalecendo e ganhando espaço no continente neste período. Ao submeter os artistas e suas obras à perseguição, violência, repressão, as ditaduras impuseram enormes limites à continuidade da produção de canção engajada nos locais atingidos. Aqueles que permaneceram em seus países tiveram que aprender a lidar com a censura e a necessidade de encontrar caminhos alternativos, muitas vezes clandestinos, para manter sua atuação artística e sua militância política. Mas outros tantos acabaram recorrendo ao exílio como estratégia de sobrevivência e, uma vez instalados em outros países, tiveram que encontrar novos caminhos para se manterem ativos.

Por conta disso, se estrutura toda uma “cultura do exílio”, na qual a canção popular tem papel fundamental. A *nueva canción latino-americana*, que já tinha tido papel crucial na circulação das ideias revolucionárias no continente durante as décadas de 1960 e início da década de 1970, se converte em símbolo importante das lutas da resistência no contexto das ditaduras. No momento em que se faz crucial divulgar as bandeiras de solidariedade e da resistência e de rearticular as redes de militância desmontadas pelos regimes repressivos, a canção mais uma vez assume papel importante como mobilizadora e transmissora de mensagens e ideias.

Deste modo, podemos falar claramente na existência de uma “produção musical do exílio”, e a pesquisa mais sistemática desse universo é sem dúvida uma contribuição importante para ampliar a compreensão dos significados das experiências violentas impostas pelas ditaduras civil-militares na América Latina. Por meio do estudo dessas canções, que assumem como temáticas centrais o desterro e a necessidade de resistir, acredito ser possível desvendar todo um imaginário dos exilados, além de expandir ainda mais a compreensão de como, ao longo das décadas de 1960 e 1970, os artistas latino-americanos pensaram na possibilidade de promover uma integração musical do continente e estabeleceram uma série de “conexões transnacionais” cuja análise, para a qual a pesquisa que venho desenvolvendo pretende contribuir, é central para a construção de uma história da canção engajada na América Latina.

Referências Bibliográficas

Bayle, Paola. “Los rubios. El compromiso británico hacia las víctimas de la dictadura militar chilena (1973-1990)”. *Sociedad Hoy*, 22: 77-93, 2012.

Bolzman, Claudio “Apprendre à vivre en exil : les réfugiés chiliens en Suisse”. *Revue européenne des migrations internationales*. Vol. 5, N°2, pp. 133-144.

Duarte, Geni Rosa; Fiuza, Alexandre Felipe. “Músicos latino-americanos no exílio: música, deslocamentos e participação política”. *Actas de las II Jornadas de trabajo Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*. Montevideo: 2014.

Fléchet, Anaïs. “Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970”. *UNESP – FCLAs – CEDAP*, v.7, n.1, jun. 2011, pp. 257-271.

Gomes, Caio de Souza. *"Quando um muro separa, uma ponte une": conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/70)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. “Por toda América soplan vientos que no han de parar hasta que entierren las sombras: anti-imperialismo e revolução na canção engajada latino-americana (1967-69)”. *História e Cultura*, v. 2, 2013, pp. 146-165.

Gómez Gálvez, Mauricio. “El pueblo unido, jamás será vencido! Circulation internationale et réception d’un chant politique (1973-1983)”. In: Anaïs Fléchet, Marie-Françoise Lévy (dir.) *Littératures et musiques dans la mondialisation*, Paris, Publications de la Sorbonne, 2015, pp. 127-136.

Jedlicki, Fanny. “Les exilés chiliens et l’affaire Pinochet. Retour et transmission de la mémoire”. *Cahiers de l’Urmis*, 7, juin 2001

Mamani, Ariel. “El equipaje del destierro. Exilio, diáspora y resistencia de la nueva canción chilena (1973-1981)”. *Revista Divergencia*, N. 3, Año 2, enero - julio 2013, pp. 9-35.

_____. “Exilio, resistencia y adaptación de la Nueva Canción Chilena (1973-1978)”. *Actas de las Jornadas de trabajo Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*. La Plata: 2012.

Mártin Montenegro, Gustavo. *La campaña de solidaridad con Chile en Australia (1973 – 1990)*. In: http://www.memoriachilena.cl/602/articles-122388_recurso_2.pdf.

Paredes, Alejandro. “Santiago de Chile y Mendoza, Argentina: La red social que apoyó a exiliados chilenos (1973-1976)”. *REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales*, vol.13, n. 4, Diciembre 2007.

_____. “Las prácticas políticas de los exiliados chilenos en Mendoza y su incidencia en Chile (1970-1989)”. *Revista Universum*, N° 18, 2003.

Pozo, José del. “Los chilenos en el exterior de la emigración y el exilio a la diáspora el caso de Montreal”. *Revue européenne des migrations internationales*, vol. 20, n°1, 2004.

Prognon, Nicolas. “La culture chilienne en exil en France: Une forme de résistance à la junte (1973-1994)”. *Pandora: revue d’études hispaniques*, 8, 2008, pp. 205-220

Rojas Mira, Claudia F. “La casa de Chile en México.” *Exiliados, emigrados y retornados*. Santiago: RIL Editores, 2006, pp. 107-126.

Rojas Mira, Claudia; Santoni, Alessandro. “Geografía política del exilio chileno: los diferentes rostros de la solidaridad”. *Perfiles latinoamericanos*, n. 41, enero-junio 2013, pp. 123-142.

Rollemborg, Denise. “Memórias no exílio, memórias do exílio”. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...)*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Santoni, Alessandro. “Comunistas y socialistas italianos frente a la causa chilena: solidaridad y renovación (1973-1989)”. *Revista www.izquierdas.cl*, N° 19, Agosto 2014, pp. 112-130.

_____. “El Partido Comunista Italiano y el otro “compromesso storico”: los significados políticos de la solidaridad con Chile (1973-1977)”. *Historia*, n. 43, Vol. II, julio-diciembre 2010, pp. 523-546.

Sznajder, Mario; Roniger, Luis. “Exile Communities and Their Differential Institutional Dynamics: A Comparative Analysis of the Chilean and Uruguayan Political Diasporas”. *Revista de Ciencia Política (Santiago)*, Santiago, v. 27, n. 1, 2007.

Uliánova, Olga. “La Unidad Popular y el golpe militar en Chile: percepciones y análisis soviéticos”. *Estudios Públicos*, 79, invierno 2000.